

O PAÍS

Ano I número 38

Preço: 10\$00

semana de 24
a 30 de Setembro
1976

José Vacondes

Directores

Vera Lagoa

OS TRÊS elementos destacados da FLA (Frente de Libertação Açoriana) não se importavam de dar os seus nomes, são homens corajosos e dispostos a dar a vida pelos Açores, a que chamam o seu País. Mas importava-me eu com o que lhes poderia acontecer, com as possíveis represálias, com o prejuízo que esta mesa-redonda lhes podia acarretar. Limitar-me-ei a dizer que

não esquecerei a prova de confiança que me foi dada, sobretudo quando me convidaram a assistir a uma sessão secreta da FLA. Assisti. Mas isso não transmito. Isso guardo para mim. Apresentá-los-ei como A, B e C, conforme as suas responsabilidades no Movimento. E dada a extensão das declarações, foi forçoso dividir este trabalho em dois números.

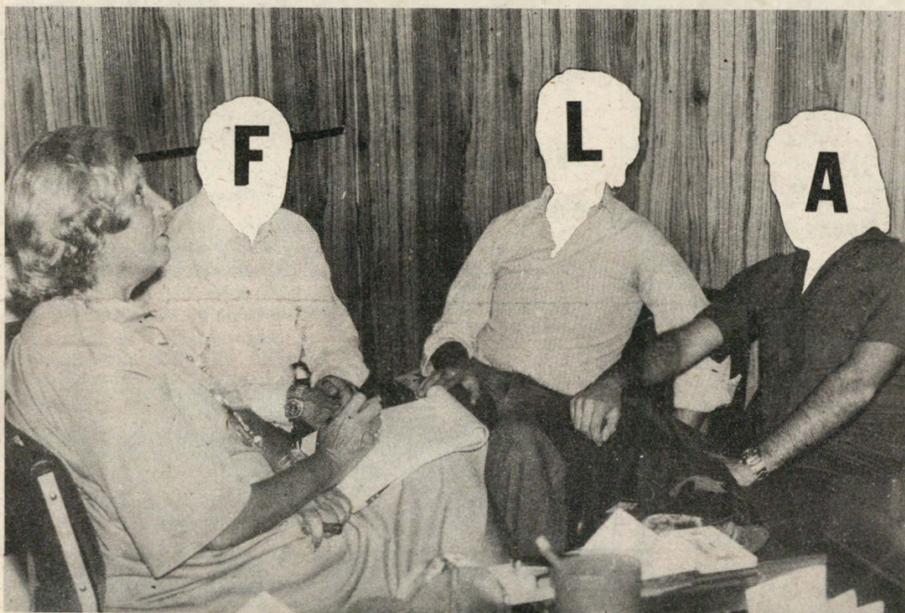
Vera Lagoa em mesa redonda com a FLA

Vera Lagoa — Deu-me a impressão de que a FLA estava mais activa do que antes da tomada de posse do Governo regional. Não sei se me engano a esse respeito, mas depois de cheguei à ilha fiquei com essa ideia. Com a ideia de que a chama se tinha reactivado. Deu-me a impressão de que a FLA se encontrava por toda a parte. É mesmo assim?

A — É mesmo assim. A FLA, que se manteve na expectativa desde as eleições até à formação do Governo regional, achou que deveria mostrar a sua inquietação e ao mesmo tempo a sua atenção para que o Governo regional se sentisse na obrigação de ser um governo açoriano. Estamos convencidos de que o Governo regional açoriano, sobretudo através do discurso que fez o seu Presidente, não tranquilizou a FLA, mas mostrou que estava no bom caminho. Mas a FLA está muito atenta e não permitirá qualquer desvio quanto à luta que os açorianos resolveram travar em relação ao seu objectivo, que é a independência dos Açores. Portanto, acho que a sua observação foi perspicaz na medida em que a FLA está realmente desenvolvendo uma actividade de bastidores muitíssimo grande. A FLA nunca esteve morta, esteve na expectativa e quem manda nos Açores é a FLA.

V.L. — Quais são os vossos planos para os tempos mais próximos? Continuarem na expectativa, esperarem de facto que o Governo regional tome atitudes que os satisfaça?

A — A FLA engloba no seu seio dois tipos de simpatizantes e activistas. Uma maioria que acredita que a forma de atingir a independência é através dum processo autonómico que vai ganhando sistematicamente campo na luta pela independência. Há uma outra facção de extremistas que é de opinião que a independência deve acontecer o mais depressa possível e a qualquer preço.



V.L. — É essa a sua opinião?

A — Não, não, não. A minha opinião está totalmente dirigida no sentido de que a independência deve acontecer nos Açores sem que daí advenham quaisquer perdas para os Açores. E sobretudo, sem que daí advenham quaisquer perdas para as boas relações que queremos manter com Portugal. A independência dos Açores não é uma agressão a Portugal, sob o ponto de vista da FLA. É uma identificação dos açorianos, pela primeira vez na História consigo próprios e com a sua capacidade de realizar a História dos Açores pelos açorianos. Mas não é separatismo. É independência. É morosa a capacidade que têm os açorianos de se realizarem totalmente na terra açoriana.

V.L. — Falei com várias pessoas enquanto cá estive e uma das coisas que me foi posta foi que se desejava muito uma república federada. Federada a Portugal. É essa a sua ideia?

Uma República federada

A — A evolução do processo político dos Açores em termos de federação ou em termos de confederação ou noutros termos quaisquer depende sempre da independência dos Açores. Tudo tem de começar pela independência. Se nós, livremente,

depois de independentes, quisermos entrar numa federação com Portugal, encantados da vida. Mas federação ou não federação, tudo passa pela independência.

V.L. — Independência ou lata autonomia?

A — Independência. Total gestão das coisas açorianas. No campo político, no campo financeiro, no campo cultural e no campo administrativo. Quando nesta terra as decisões forem totalmente tomadas por açorianos, se caminharmos para uma federação e se for a vontade da maioria dos açorianos, muito bem e a FLA avançará para isso. Mas tudo passa por essa fase em que as decisões são estudadas nos Açores, seleccionadas nos Açores e tomadas por nós, açorianos.

V.L. — Mas esperam conseguir isso através dum governo açoriano, mas enfim mentalizado por um Governo central ou não têm esperanças nenhuma e pensam que terão de tomar decisões energicas por si próprios?

A — Se nós não acreditássemos um pouco na capacidade do Governo regional dos Açores levar os Açores à independência, já tínhamos agido. Nós demos um voto de confiança ao PPD. Primeiro, porque julgamos o PPD capaz de salvaguardar aquilo que queremos salvaguardar: as relações Portugal-Açores. Mas também julgamos o

PPD capaz de marcar uma posição clara e definitiva quanto aos reais objectivos do querer dos açorianos.

O Programa do PPD

V.L. — O programa do PPD quanto ao Governo dos Açores satisfaz?

A — Não, não. Está muito aquém de satisfazer. Mas nós acreditamos na direcção do Governo. Se eles se desviarem desse objectivo, a FLA agirá inexoravelmente.

V.L. — Quer dizer que se eles cumprirem o programa que está editado num folhetozinho cor de laranja que já me chegou às mãos, se eles cumprirem o programa, vocês ficam satisfeitos, ou querem mais ainda?

A — Não é o programa em si. O programa pode ser praticado por um Governo açoriano, totalmente açoriano e poderíamos estar de acordo até se eu fosse PPD. Para mim o problema não é o programa. O problema é caminhar ou não caminhar o Governo regional para a independência dos Açores, vontade da maioria dos açorianos. Se ele caminha nessa direcção, respeitando tudo o que tem de respeitar e salvaguardar, o PPD tem nas mãos a vontade da maioria da FLA, segundo a minha opinião. Se o PPD não se encaminha nem aponta para a

continua na pág. 13



Outono escaldante?

(pág. 16)

Tarifas dos transportes urbanos

Confirmado o aumento

(pág. 22)



Galardão internacional para Mário Soares

(pág. 20)

O 1.º ministro concede entrevista à Informação estrangeira.

E a portuguesa?

(pág. 22)

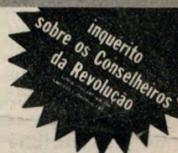
«Revolucionários» que eu conheci

O adorável mentiroso

(pág. 12)

Inquérito sobre os Conselheiros da Revolução

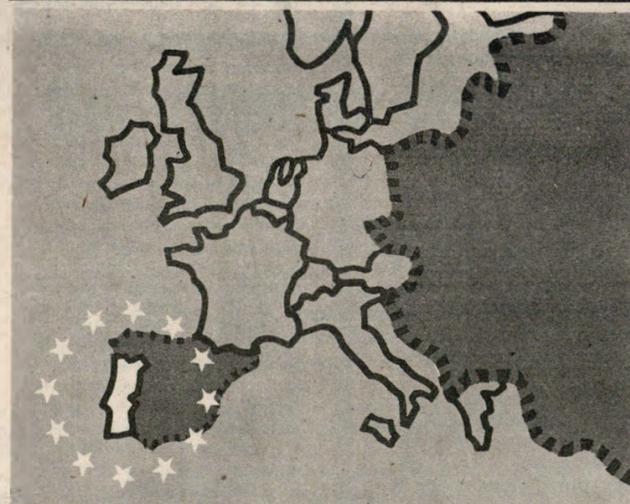
último cupão publicado (pág. 10)



CERTINA

Certina-DS o relógio mais forte do mundo

porquê?
para o qual será a melhor explicação?
a nossa, ou a do técnico da sua confiança?
faça-lhe a pergunta, ele lhe revelará o porquê!



Portugal no Conselho da Europa Um grande passo em frente

A ABERTURA da Comunidade Europeia à política portuguesa não supõe resolvida a questão de vontades particulares referenciadas a um pluralismo político. Contudo, a soma de vontades (a maioria) na sua racionalidade mais profunda apoia e compreende "a Europa conosco". Tanto mais que "a obediência à lei que prescrevemos para nós próprios é a liberdade". São palavras de Rousseau que poderiam igualmente servir na política de abertura de Portugal em relação à Europa.

Co a deslocação do minist

tro dos Negócios Estrangeiros Medeiros Ferreira, a Estraburgo, na qualidade de Ministro do décimo nono estado membro de pleno direito do Conselho da Europa e, simultaneamente, com a anunciada visita do primeiro-ministro Mário Soares aos países da Comunidade, ao mesmo tempo que se integra na conceptualização histórica, económica e científica, desta forma, mais europeu, ao mesmo tempo que se integra na conceptualização histórica, económica e científica.

continua na pág. 20

FALAR

Inglês • Francês
Alemão • Português



EM 15 OU 60 DIAS
CURSOS INDIVIDUAIS

O GARANTE DO SEU FUTURO
16 anos de eficiência

CLUBES DE CONVERSAÇÃO

INGLESA, FRANCESA, ALEMÃ E PORTUGUESA

Rua Rodrigues Sampaio 18, 3.
Telef. 53 08 75

«revolucionários» que eu conheci

Luís de Sttau Monteiro, o adorável mentiroso



UM HOMEM bonito. Inteligente (muito). Mentiroso (muitíssimo). Quem o conhece, sabe que não minto.

Luís, que já antes do 25 de Abril e da sua viragem ao PC era conhecido pelos amigos pelo "adorável mentiroso", depois de ter encenado (teria sido ele?) a peça de Bernard Shaw com o mesmo título, é de facto, um homem adorável.

Dir-me-ão que não é correcto vir dissecar um homem adorável, mas quando esse homem toma atitudes como o Luís tem tomado recentemente (vide entrevista com o negregado (e feio) Costa Gomes) a ideia higiénica que preside à lista que ando fazendo dos "Revolucionários que eu conheci" tem aqui perfeito cabimento.

E mais um amigo com quem tenho de cortar. Mas a isso já estou habituado. Um dia eles voltarão a ser o que foram e eu talvez lhes perdoe os oportunismos, as vilezazinhas, os Mutismos os Pécézismos. Adiante. Vamos ao nosso mentiroso adorável.

Conheci Sttau Monteiro há muitos anos. Muitos. Na altura em que, mais ou menos separado da June, surgiu no campo político. Foi precisamente em 1961, quando da candidatura de João Varela Gomes.

Devo confessar que o Luís era dos poucos interlocutores que se atreviam a visitar a nossa sede (assim lhe chamo porque na verdade trabalhávamos e duramente), um miserável reduto ali em S. Lázaro, pelo qual pagávamos 13 contos por mês. Isto no tempo da vida barata...

O Luís era um homem de esquerda (tanto quanto ele o podia ser com as raízes que tinha), mas era-o. Counista, não!

Nessa altura, eu conhecia quase todos os comunistas que apareciam em Lisboa e eles sabem-no. Por motivos da minha vida particular, e que não vem para o caso. Para o caso vem que os comunistas da época não tinham razão de queixa de mim. Pois não? Pois. Luís aparecia.

Como disse, era dos poucos. Desses "revolucionários", que eu hoje tento explicar (talvez seja esta expressão), lembro-me de lá ter visto poucos. Não admira. A vigilância era tremenda. Pides por toda a parte. Até na escada. Foi nessa altura que, como já contei, atirei um pela dita escada abaixo, no meio da alegria delirante do João Varela Gomes. Que nessa altura também não era pécê. Pelo menos, parecia-me que o não era. E daí, quem sabe? Ele não é homem para mentir e se já fosse pécê, di-lo-á agora.

Devo explicar que os pécês só passaram a horrorizar-me muito recentemente. E não todos. Os que sempre o foram sinceramente, os que (coo tantos que eu conheci) correram risco de vida por serem comunistas, por esses eu tenho o maior respeito. Perco-o evidentemente se me quiserem anexar à URSS. Mas não quero. A URSS não tem simpatia por mim e a prova disso foi a forma malcriada como o embaixador Kalinine me tratou. O que eles querem é anexar o meu País e por isso aqui estou a brandir a minha arma para o defender.

Neruda dizia que era um combatente e que disparava a sua arma quando necessário. Salvo as devidas distâncias, eu também sou assim. Cobato à minha maneira. E neste artigo disparo uma rajada sobre um neo-comunista, sobre um oportunista do 25 de Abril, um dos tais "Revolucionários que eu conheci".

A prisão

Mas ia contar a tua prisão. Política... Pois numa célebre manhã, mais precisamente manhã 1 de Janeiro de 1962, estavas tu no teu carro à minha porta.

Eu moro naquele prédio onde já toda a gente morou — ou deseja morar — e onde é meu vizinho o "camarada" (já lá iremos um dia destes) Artur Ramos.

com a Maria lá dentro, e um monte de livros na mão, las entregar um exemplar, justamente, ao "camarada" Ramos, do teu livro "Felizmente há luar". Em minha casa, meu filho. Meu marido, na cadeia. Ouvias a rádio. O rádio dizia que tinha havido uma revolta em Beja, que tinha sido morto um sub-secretário de Estado, que o Va-

Afastei-me do Luís ou não? Não me afastei. Ele que é tão inteligente, que tem tanto sentido do humor — e da oportunidade —, devia saber que ia passar por este Jornal. Por esta coluna. Devia ter a certeza. Mas hesitei. Tem-me sido doloroso tocar em certos revolucionários. Foi-me doloroso tocar no Ary. Foi-me doloroso tocar no Urbano. E-e doloroso tocar no Luís. Mas o público da minha terra tem de conhecer aqueles que vêm hoje nas páginas dos jornais clamando pela igualdade, de punho fechado. Luís de Sttau Monteiro, tu que me dizias ter brincado em pequeno com a Rainha Isabel de Inglaterra, que — já depois do 25 de Abril — dizias não poder passar sem um "yacht", tu atreves-te a elogiar o Gomes de Chaves que agora é de Fezes, o homem que foi a capa a destruição do nosso País? Tu, Luís, até gostavas de Portugal! Aquele artigo, aquela entrevista no "isento" "Diário de Lisboa" valeu-te estares neste momento a ser "despido".

Estou a ver-te entrares de manhã em minha casa, de manhã debaixo do braço, com o teu sorriso cheio de charme (apesar do tal dente postiço que esquecias em toda a parte, desde a Embaixada de França até aos bolsos da Maria). Bem. Eras um encanto. Mentias com todas as dentes, inclusivamente com o tal que te esquecias, mas eras adorável.

Pois vamos ao trabalho. Ao trabalho de esclarecer o público sobre a tua primeira prisão política, prisão que já muita gente conhece. Mas muitos outros ainda pensam que foste uma vítima do fascismo. Tu? As tuas peças estavam proibidas? Então porque não as representas agora? Era a altura de representares aquela que escondes cuidadosamente dos comunistas, daqueles que torturaram, prenderam a esmo, levaram os teus próprios amigos para Caxias e procederam de forma igual — ou pior — àquela usada pela Pide. Lebras-te, Luís? A peça chama-se "Todos os anos pela Primavera".

Quando a escreveste — e publicaste — fiquei indignada. Eu não acreditava que os novos guardas procederiam da mesma maneira que aqueles que iam substituir. Eu não sabia que numa Primavera, os presos políticos iam ser os carcereiros daqueles que os tinham metido na prisão. Mas tu, Luís, que és muito mais inteligente do que eu, tu sabias. Foi uma peça que atiraste cá para fora, como uma das tuas graças, mas que, ao ver que se confirma o teu vaticínio, escondeste. Porque não a mandas representar agora? Não o fazes, porque sabes o que se passou em Caxias, no Rallys, etc.

rela Gomes estava gravemente ferido, etc. Chamei-te. Foi comigo que ouviste as notícias da revolta de Beja.

A Maria não estava interessada. Para ela, essas "coisas" da política só eram chatices. Mas tu, não. Tu ficaste aflito. Tu ficaste aflito porque disseras em casa que estavas de prevenção (!), telefonaras à Guarda Republicana ou Fiscal (não me lembro) para irem a Loures avisar-te, quando estivesse a jantar, que eras esperado no Estado Maior. E foi a tua própria mulher que te deu boleia para que viesse a Lisboa, para a tal "prevenção". A prevenção, Luís, como todos soubemos, era a noite de fim-de-ano com a Maria. Tu sabias que a Pide ia investigar quem levava o Varela Goes a Beja, que ia verificar que tu não ficaras em casa e lá

ias tu para a cadeia! Ficaste aflito e eu vi. E foste para a cadeia, a tua família disse que estiveras de "prevenção". E eles sabiam que para ti não havia prevenção nenhuma.

Foi assim que passaste um tempo em Caxias. Já não me lembro se foram alguns dias ou se chegou a um mês. Como eras — e és — um cavalheiro, não podias dizer à Polícia que estivesse toda a noite com uma senhora. Além disso, a senhora insistia em que era virgem... (perante todos nós) e ainda por cima, a tua Mãe, quando soubesse a verdade, não te pouparia. Resolveste calar e ser preso político. A senhora em questão (como era "virgem"), não declarava na Polícia que tinha ficado contigo. E estavas sem alibi. Foi nessa altura que me deste como testemunha de que naquela manhã estavas em minha casa. Portanto, não podias ter ido a Beja fazer a revolução.

Ao dares-me como testemunha, não imaginavas (porque a tal senhora não me avisou de que eu tinha sido indicada, talvez por excesso de valentia) que eu, meu ex-marido (já saído da cadeia) e outras pessoas de família, passámos a noite a pensar se eu devia ou não ir à Pide. Tínhamos contas em atrazo, a Pide e eu. Pensámos ir refugiar-nos os dois na Embaixada do Brasil e de manhã (deves-me uma noite inteira sem dormir) decidimos enfrentar os acontecimentos.

Os tapetes persas

Luís. Sabes como te conheço. Sabes quantas páginas levaria a contar a tua história. "toda". Mas o facto de ter sido tua amiga impede-me de o fazer. Como tenho feito com os outros, limito-me a uma lambuzadela...

Encenas (terias sido tu ou o Jacinto Raos ajudou forte mente?) o "Adorável Mentiroso". O Jacinto (que fez um papel excelente, contracenando com a Eunice) pede ao Zahpetian uns tapetes para forrarem o palco. O persa empresta os persas. A peça acaba. Tempos depois, o Zahpetian encontra o Jacinto e queixase de que os tapetes não foram devolvidos e que custam uma data de massa. O Jacinto afige-se. Procura-te. Tu, como de costume, dizes que já devolveste. E assim por adiante. Mas o Jacinto, numa noite tempestuosa numa noite invernal (que ele nunca esquecerá (embora depois nos tenhamos rido muito com isso) encontra-te e exige os tapetes no mesmo momento. A cólera do Jacinto era terrível. Tu cedes.

Confessas que te tens desleixado. Mas que vais remediar o assunto imediatamente. Como? O que tinha acontecido? Pura e simplesmente tu deixaras a guardar os tapetes num armazém da Sociedade Central de Cervejas que havia ali para os lados da Victor Cordon. Continuava a chover a potes. Mas ias telefonar. O Jacinto não arreda pé. Quero ouvir para ver se é verdade. E ouvte a fazer um telefonema para determinado número e dizer: "É de tal parte? Olhe, daqui fala Sttau Monteiro. Lebra-se desses tapetes que eu deixei aí a guardar? Há-de ir aí um senhor, o actor Jacinto Ramos, e podem entregar-lhe os tapetes". "E pá, queeres lá ir agora?", perguntaste ao Jacinto. O Jacinto, desesperado com o persa, arrisca-se ao temporal. O que ouvira, chegava. Não chegava?

Pois lá vai o Jacinto Ramos de gola de sobretudo levantada, o chapéu de chuva a virar-se, as calças arregaçadas para não as molhar (mais do que já estavam) e dirige-se ao tal arma-

zém. A morada também lhe fora dada.

Diz o Jacinto, que mais tarde perdou como todos te perdoamos a tua leviandade, desonestidade de processos e muitas coisas mais que nunca poderá esquecer aquela noite. Acredito. Chega a uma porta, bate, vem abrir uma mulherzinha, atravessam o pátio debaixo do temporal e ela fica a olhar para ele. E então o Jacinto: "Olhe, eu sou aquela pessoa a quem a senhora deve entregar os tapetes, como disse o dr. Sttau Monteiro". A mulher olhava-o estupidificada. "Quais tapetes?" — "Aqueles que cá estão, aqueles que o dr. Sttau Monteiro lhe mandou entregar-me. Ele esteve a falar consigo pelo telefone!" — "Pelo telefone? Pois se eu nem tenho telefone! Não tenho cá

tapetes nenhuns, nem falei com o dr. Sttau Monteiro. O senhor sente-se bem?", perguntava a mulherzinha, convencida de que aquele louco encharcado estava com alguma crise. Palavra puxa palavra, a chuva continuava a cair e o Jacinto convenceu-se de que tinha assistido à grande burla, que o Luís tinha falado sozinho ao telefone para um número qualquer, apenas para adiar a história dos tapetes que, até hoje, nunca apareceram.

Confessamos que a história é engraçada. Confessamos que sim, mas que foi uma burla bem montada para poderes oferecer os tapetes à mesma pessoa a quem ofereceste o colar de Grão-Mestre da Maçonaria. Que história é esta? Eu conto.

Felizmente há luar

Escreveras "Felizmente há luar". Si. Uma peça de grande sucesso, que o José Tengarrinha já começara a escrever na cadeia, cuja ideia dera uma noite ao Cardoso Pires e que este te contara. Era o momento. O outro estava preso e tu escrevias mais depressa. Assim o fizeste. Tenho em meu poder os originais que o José Manuel me enviava diariamente do Aljube, nas cartas que me escrevia. Confessa que para um puro PC, esta é demais. Adiante.

Pois escreves o "Felizmente há luar", os maçons deliraram com a homenagem prestada a Gomes Freire de Andrade e ofereceram um almoço ou um jantar (alguns deles ainda se devem lembrar, a não ser que tenham sido tudo mentira) e que por sua vez te homenageiam, oferecendo-te o colar de Grão-Mestre da Maçonaria usado pelo mesmo Goes Freire de Andrade. Lindo. Mas perigoso. Se isto aconteceu como me contaste diante de testemunhas, não deixou de ser um acto perigoso, pois eles deviam saber que a par do teu talento (enor-

me) existia uma inconsciência (enorme).

Nessa noite, vamos passar o serão a casa da tua querida Maria. Uma caixa de lata, aberta em cima da mesa, com o colar. Um tecido ricamente bordado, uma peça antiga. Se era o colar autêntico ou qualquer coisa que tu foste buscar ao guarda-roupa Paiva, não sei. Mas diante de ti, que a admiravas, Maria disse: "Este é o colar do Gomes Freire de Andrade. O Luís ofereceu-me como prova de amor".

Eu e o Zé Manel ficámos siderados. Mas o colar era teu e tu fizeras dele o que muito bem te apetecia. Assim ele ficou em casa da Maria. Não sei por onde anda hoje. Se ela o levou para o estrangeiro.

Sei que é bem feito (insisto em duvidar de facto) para quem inconscientemente te ofereceu.

Pois, Luís, meu imaginativo e delirante Luís, com o colar a Maria deve ter levado os tapetes persas do Zahpetian para esse mundo, ou por esse Mundo fora.

A passadeira

Dir-me-ão que escrevo um conjunto de anedotas. Mas são factos autênticos com que pretendo ilustrar a vida dum perfeito comunista. Se tu te confessasses anarquista, meu "adorável mentiroso", eu não estava aqui a contar essas histórias. MAS TU ENTREVISTASTE COM ADMIRAÇÃO COSTA GOMES! E isso, sabes que não tem perdão. Entrevistaste com admiração o homem que mais contribuiu para destruir o nosso País. E eu, embora toda a vida tenha rido com as tuas partidas, dessa não posso rir porque é demasiadamente séria.

Mentiroso, sim. Oportunista quando o nosso País está em perigo, não!

Para terminar falarei naquele domingo de manhã em que queríamos ir à praia, estávamos em casa da Maria e ninguém tinha dinheiro. Tu disseste que resolvias o assunto. E enquanto ela foi vestir o fato de banho, tu levantaste a passadeira, que estava forrada de notas de conto, tiraste uma, e puseste a passadeira no seu lugar. Confesso que delirei. A Maria passava os dias a queixar-se de que não lhe davas dinheiro e tu tinhas-lho

posto aos pés! Quando te perguntei se não receavas que a mulher a dias levantasse a passadeira, respondeste com imensa graça: "Já viste alguma mulher a dias limpar debaixo das passadeiras?" Concordei contigo e até achei bem feito que a Maria, presunçosa, se passasse sobre notas de conto, estando na penúria. Esta, sim, é uma anedota. Mas gostei tanto dela que a quis contar.

E o teu camarada Cardoso Pires gostaria de saber que tu trocavas dele loucamente, dizendo que o seu sonho era ter uma casa como tu em Loures e que quando falavas a uma condessa que ele te apresentava, dizias "Senhora D. Condessa"?

Olha, Luís, isto serve apenas para mostrar como tu tratas os teus camaradas de ideologia.

Um dia destes, na Embaixada da América, perguntaste admiradíssimo ao António Maria Pereira, por que motivo eu não te falava. Agora já sabes porquê. Eu não falo a comunistas do 25 de Abril, embora sejam admiráveis mentirosos como tu.

Adeus.

Vera Lagoa

Eu também quero!

NÃO sou nenhum ilustre ou digníssimo Conselheiro da Revolução.

Não sou nenhum conceituado, eleito, escolhido ou designado ministro do Governo constitucional.

Não sou chefe do Estado Maior de ramo algum das Forças Armadas ou desarmadas.

Não sou secretário, subsecretário, secretário do secretário ou ajudante do subsecretário, chefe de gabinete ou director geral integrado no Estado.

Não sou dirigente sindical, nem faço parte das cúpulas de qualquer organização defensora dos trabalhadores.

Não sou da cúpula — nem das bases — de nenhum Partido político.

Não estou ligado à CIP ou à CAP, ou à INTERSINDICAL,

ou aos GDUPS, ou ao MIRN, à KGB ou à CIA.

Não sou governador civil, presidente da câmara, vogal de qualquer comissão administrativa de junta de freguesia, ou funcionário, maior ou menor de uma junta de Turismo.

Não tenho nenhum parente que tenha sido preso e torturado pela PIDE ou pelo COPCON, nem qualquer familiar que tenha pertencido ao MFA.

Não fui refugiado político, nem do 28 de Setembro, nem do 11 de Março, nem do 25 de Novembro.

Não tenho conhecimentos no PCP.

Não contribuí em nada para a melhoria das relações com os povos de língua portuguesa em África ou para uma aproximação diplomática com os povos

da China.

Não jogo na lotaria, no toto-bola, ou nas rifas dos números da sorte.

Não sou director de nenhum Jornal.

Não sou salazarista, caetanista, spinolista, vasquista, gomista, coutinhista, antunista, cunhalista, carneirista, soarista, kaulista, seminarista, freitista, otelista ou eanista.

Não sou operário, camponês, soldado ou marinheiro.

Não sou reaccionário, contra-revolucionário, capitalista, fascista, cacique, manipulador, elpista, latifundiário, etc., etc., nem revolucionário, nem progressista, nem defensor das amplas liberdades, nem descolonizador exemplar, nem reformador da agricultura, nem nacionalizador.

Não sou Costa Gomes.

Não quero nenhum lugar de Governo, aumento de ordenado ou as boas graças dos senhores excelentíssimos conselheiros da Revolução ou dos digníssimos e conceituadíssimos secretários gerais dos maravilhosos Partidos políticos.

Não sou. Nem tenho.

Mas gostava. Mas queria. Mas desejava. Mas ambiciono. Mas morro por isso. Mas não penso noutra coisa. Mas nem consigo dormir.

Sim, eu não sou nada. Nada, nadinha. Juro!

Mas também quero ir visitar o brigadeiro Pires Veloso.

Quero, pronto!

E depois, têm alguma coisa com isso?

Ou não terei direito? ...

F.B.